

ESCRITAS DE E PARA MARIGHELLA

Luiz Claudio Ferreira (Universidade de Brasília)¹

Resumo: O objetivo do trabalho é o de identificar como ocorre a reconstrução dos conteúdos de uma autobiografia escrita por Carlos Marighella, líder revolucionário comunista durante a ditadura militar, e a migração das informações para duas biografias sobre a vida do guerrilheiro publicadas no século 21: Marighella: o inimigo número 1 da ditadura militar (2004) e Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo (2012). Na mais recente, é possível verificar a preocupação de uma construção reelaborada de significados e uma realocação de elementos a fim de garantir maior verossimilhança das escritas do eu-revolucionário.

Palavras-chave: Biografia; Autobiografia; Marighella

Cinco décadas após o Ato Institucional Número 5, o AI-5, que garantiu à ditadura militar no Brasil o recrudescimento da violência e a revogação oficial das liberdades individuais no país, em 2018, se vive na prática efeitos de rupturas democráticas e de dias sombrios. O país experimenta perdas de direitos sociais, protagonismo de discursos de ódio e a cidadania ameaçada. Há dois anos, o Brasil experimentou golpe jurídico-legislativo-midiático que acabou com um mandato de uma presidente da República.

Neste cenário, é fundamental refletir sobre a ação da literatura no fortalecimento das representatividades e dos discursos, na magia da ficção e também no reencontro do que se chama de documental. As biografias são um gênero difícil de romance. Ricoeur (1991, p. 139) diz que a biografia é “um misto instável de fabulação e experiência viva”. Para essa nossa análise, são textos que formam um lugar de resistência, de reparo, ainda que cercado de indefinições, imprecisões, aporias, de letras e de pensamentos. Por isso, tão digno de estudo e de mergulho.

Isso ocorre não apenas no que se diz, mas também nos processos de silenciamento que, por vezes, são eficazes em esvaziar os sentidos e os contextos e transformar o apagamento em força bruta.

¹ Graduado em Jornalismo, Mestre em Comunicação e doutorando em Literatura (UnB). Contato: luizclaudioferreira01@gmail.com.

Gêneros em análise

A proposta desta comunicação para esta Abralic, por isso, visita o eu-silenciado do líder revolucionário, o guerrilheiro Carlos Marighella, que recorreu a uma autobiografia intitulada “Por que resisti à prisão” (1965) depois de um atentado sofrido em um cinema no Rio de Janeiro, no dia 9 de março de 1964. Ele foi assassinado cinco anos depois, em 1969. O texto dele é uma composição de denúncia preocupada com descrições, inconformada com a violência e silenciamento da imprensa e da sociedade.

A autobiografia escrita por Carlos Marighella foi referendada pelo crítico Antonio Candido e pelo escritor Jorge Amado como uma obra fundamental para conhecer o pior momento da ditadura militar. Na apresentação do relato, Candido (em 1994) avalia que o texto é um “documento inestimável”, que precisaria de ser lido “pela expressividade na escrita” (p.7) sobretudo, pela ação de resistência de “um democrata”. “O leitor percebe então que não se trata de mero relato autobiográfico, mas de um ato político”. (CANDIDO in MARIGHELLA, 1994, p.8).

Mas a autobiografia escrita por Marighella seria utilizada pelos autores de biografias que foram publicadas já no século 21, e efeito também dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade (finalizada em 2011). Enfim, elementos da autobiografia são utilizados como enlace nesses romances de alta voltagem. São biografias jornalísticas que se apoiam também na memória do herói-vítima.

Para o nosso trabalho aqui, os resultados mais interessantes são relacionados ao livro “Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo”, de Mário Magalhães, vencedor de pelo menos cinco prêmios literários. O livro do jornalista Emiliano José dedicou um capítulo inteiro à autobiografia e tratou o episódio como resumo e não nos serviu para avançar na observação que queríamos fazer.

Escrúpulos em debate

Interessante, nesse contexto, que desse gênero biografia, como aponta André

Maurois, em 1932 o seguinte: "exigimos dela os escrúpulos da ciência e os encantos da arte, a verdade sensível do romance e as mentiras eruditas da história" (MAUROIS, 1932, p. 70) . ajudam-nos a refletir sobre as imprecisões, a ilusão biográfica e a complexidade desse tipo de obra Tanto tempo depois, Mário Magalhães cita um desses elementos: os escrúpulos para apontar de onde surgiram as informações que constam ali. Ele escreve assim:

Ao fim do volume, notas indicam escrupulosamente a origem das informações mais relevantes. Como eu poderia escrever que Marighella, ao ser baleado no cinema em 1964, sentiu gosto adocicado no sangue que empapou sua boca? (...) Em todos os casos, chequei obsessivamente cada versão, sabedor das traições e idiossincrasias da memória (MAGALHÃES, 2012, p. 446)

François Dosse (2015) nos lembra que a biografia não depende apenas da arte: "quer-se também estribada no verídico, nas fontes escritas, nos testemunhos orais. Preocupa-se com dizer a verdade sobre a personagem biografada (DOSSE, 2015, p. 59)". Sobre essa problemática, Agamben (2007) refere-se também à impossibilidade da exatidão da memória. "Nenhum ser humano pode imaginar os acontecimentos exatamente como ocorreram e, de fato, é inimaginável que nossas experiências possam ser reconstituídas exatamente como ocorreram" (AGAMBEN: 2007, p. 218). A biografia adquire o status de ilusão sob as reflexões de Bourdieu (1996), Dosse (2015) ou Lejeune (2014), autores que destacam também a dificuldade de definir o gênero. As narrativas resistem pela sobrevivência de arrastar para o campo do acontecimento o que estaria condenado ao ocaso, de iluminar as vestes do passado com a tinta discursiva e presentificada.

Como elemento de articulação deste texto, destaca-se aqui o papel desempenhado pelas "fontes de consulta" ou de informação. Em destaque, está o livro escrito pelo próprio Marighella ("*Por que resisti à prisão*" – publicado em 1965) que rememora o episódio dos tiros no cinema. Na reflexão proposta entre as escritas "de Marighella" e as outras "para Marighella", é necessário, nesse sentido, levar em conta que existe um pacto de que naquele conteúdo há mais do que ficção, mas sobretudo, o

de acima de tudo, a verdade. O pacto autobiográfico conceituado por Philippe Lejeune (2014) explicita essas interfaces e nuances da promessa questionável de verdade.

Dosse, inclusive, chama a autobiografia como um documento de características únicas. “Importa então saber que lugar será conferido a essa escrita do eu, por muito tempo indiferenciada da escrita do outro” (DOSSE, 2015, p. 45). Até as Confissões, de Rousseau (1770), poderiam representar essa mesma lógica de produção para o que é considerada a primeira autobiografia. Dosse reitera que “o uso de memórias, confissões ou registros autobiográficos é adotado de formas diversas nas biografias”.

Em busca de uma análise possível, busquei as informações em que o autor da biografia, Mário Magalhães, assumidamente informa que se utilizou de informações da autobiografia “*Por que resisti à prisão*”. Para essa observação, separei o capítulo sobre os tiros no cinema, em que Marighella é alvo de um atentado.

O autor da biografia enumera nas notas do livro 66 fontes para as principais informações apuradas para o capítulo “Tiros no cinema”. Em 10 vezes, é citado o livro “Por que resisti à prisão”. Em 32 vezes, informações trazidas no capítulo são de jornais publicados à época. Sete dessas informações referem-se a arquivos do Dops e do Supremo Tribunal Militar. As demais são de entrevistas, como a da viúva, Clara Charf e do filho, e de uma autobiografia do líder revolucionário Gregório Bezerra.

Proposta metodológica

Em um possível caminho metodológico, tentei estabelecer uma metáfora para analisar a narrativa biográfica. A comparação é com as suturas corporais. Ficam cicatrizes, mas o tecido existe.

- a) **Interrompidas:** Os nós são atados e os fios (das narrativas) cortados após uma ou duas passagens (capítulos ou partes) através do tecido (textual). Omissões ou cortes de informações específicas da autobiografia

b) **Contínuas:** Possui um nó inicial, o fio não é cortado, estendendo-se do ponto de origem após passagens pelos tecidos, onde o fio é cortado após o nó final---- Acréscimos com novas informações, memórias e ação testemunhal do biógrafo ao longo da narrativa

Como se busca essa relação entre a autobiografia e a biografia, interessa-nos, portanto, essas 10 citações para o episódio onde se dá a transição de um texto em primeira pessoa para outro que buscaria o distanciamento. Observei cada uma das alegações de autobiografia para verificar como foram representados esses enlaces em um romance que tem a promessa da verdade

A primeira informação selecionada é sobre o encontro de Marighella com Valdelice de Almeida Santana, a zeladora que entregaria a roupa lavada para o guerrilheiro que tentava fugir dos agentes da ditadura. O autor da biografia nos informa que utiliza diálogos, impressões e pensamentos retirados da autobiografia.

Um exemplo está no trecho abaixo da autobiografia

(Trecho 1 Autobiografia) - “Ao perceber a certa distância um indivíduo em atitude suspeita, como que vigiando os passos da zeladora, resolvi regressar ao cinema” (p. 10).

Essas informações estão assim dispostas na biografia:

(Trecho 1 - “Biografia) - “A temperatura aumentou quando Marighella notou um homem que vigiava Valdelice a uma distância que não chamava a atenção, mas sem perdê-la de vista. Com a mesma rapidez com que superou as escadarias no Catete, comprou dois ingressos na bilheteria do Esky-Tijuca, o cinema em frente ao qual marcara com a zeladora. Fez-lhe um sinal, e entraram sem dar ao intruso a chance de se chegar” (p. 8).

Esse seria um exemplo de sutura contínua

Em momentos como esse, enquanto a autobiografia busca denunciar a ação dos policiais como bandidos, o jornalista se utiliza de tom mais moderado e faz enlaces entre o passado presentificado e a informações que ainda não foram exploradas na obra, trazendo uma dimensão de ação, movimento intermitente, e menos espaço para opiniões literais.

Um pedido de socorro de afastamento e ao mesmo tempo um caminho romanceado da narrativa. Há busca de elos com outros momentos da descoberta, que marca a narrativa de Mário Magalhães.

Trago aqui um exemplo de sutura interrompida, aquele que traz omissões na estrutura da biografia. O trecho é o seguinte:

(Trecho 2 - Autobiografia) - “No Instituto Médico Legal, sou atendido pelo Dr. Walterlino e pelo Dr Rubem. O Dr Walterlino acha que o caso trará complicações no futuro para a polícia. Sou submetido a minucioso exame de corpo de delito, que evidencia a saciedade ter sido disparado o tiro dos policiais. O Dr Rubem observa as cicatrizes produzidas pelo o projétil: - Esse tiro foi para matar - afirma, apontando-me o tórax” (p.47).

*(Trecho 2 - Biografia) - “A caminho do Dops, parou no Instituto Médico-Legal, na rua dos Inválidos. **Um médico** o examinou e confidenciou que o tiro fora para matar. Meia quadra depois de sair de lá, Marighella distinguiu na esquina da rua da Relação o prédio onde um dia o inferno se descortinara para ele. Ao dar com o maltrapilho, o escrivão indagou: “Por que o senhor veio com esta roupa suja de sangue?” “Porque o Dops me deixou incomunicável esses dias todos”, rebateu Marighella (p. 15).*

Considerações preliminares sobre a amostragem

A partir das observações dessa migração de conteúdo entre a autobiografia escrita pelo próprio líder revolucionário e a biografia do jornalista Mário Magalhães, foi possível identificar mecanismos de aproveitamento das informações que funcionam para trazer narratividade e verossimilhança ao conteúdo, numa primeira análise apresentada para o Congresso da Abralic, em 2018.

- 1) Das 10 seleções de informações, 2 considereei como sutura interrompida e 8 como contínuas.
- 2) O estudo da utilização de elementos autobiográficos em uma biografia ajuda a identificar enlaces na narrativa sob o conforto da memória de um protagonista injustiçado;
- 3) O testemunho autobiográfico ocupa espaço de resistência e de denúncia e que adquire nova perspectiva sob a escrita do outro;
- 4) Elemento autobiográfico pode ser ponto de partida do que ponto de chegada nas obras, que ocorre no que foi observado;
- 5) A inclusão ou omissão de trechos autobiográficos traz pistas e rastros sobre intencionalidades; e
- 6) Textos pós-ditadura deram vazão a uma reconfiguração dos fatos sob uma ótica diferente da que foi exposta por dos dados oficiais em um primeiro momento (o que muitas vezes motiva a produção de uma obra do gênero);
- 7) Tratar a biografia como grande reportagem não basta para conceber as características de uma obra com tamanha complexidade;
- 8) Outros olhares que podem ser trazidos têm relação com a o encaixe entre os capítulos do texto, como é o caso desse objeto em que a motivação do líder revolucionário se transformou em um prólogo da biografia;
- 9) A reutilização de documentação para fortalecer uma versão dos acontecimentos tem êxito para a narrativa; e

- 10) A visão da biografia como romance, embora decantada em estudiosos do tema, traz necessidade de exploração sobre afastamentos e convergências entre jornalismo e literatura.

Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. São Paulo: Editora 34, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p. 183-191.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2015.

JOSÉ, Emiliano. **Marighella: o inimigo número 1 da ditadura militar**. São Paulo: Casa Amarela, 2004

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Ed. UFMG, 2014.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

MARIGHELLA, Carlos. **Por que resisti à prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1994.

MAUROIS, André. **Aspectos da autobiografia**. Paris, Grasset, 1932

RICOEUR, Paul. **O si-mesmo como um outro**. Trad. Luci Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.